

## Prólogo

A minha mãe costumava contar-me histórias sobre o meu pai. Lembro-me de que, na primeira, ele era um príncipe egípcio que queria casar com ela e ficarem a viver na Irlanda para sempre, só que a família obrigou-o a voltar para o seu país para casar com uma princesa árabe. Contava boas histórias, a minha mãe. Ele tinha anéis de ametista nos seus longos dedos e os dois dançavam sob espirais de luzes, o cheiro dele a especiarias e pinheiro. Eu, deitada sob o lençol, coberta de suor como se tivesse sido mergulhada em água — era inverno, mas a cooperativa regulava o aquecimento para todo o prédio, e as janelas nos andares mais altos não davam para abrir —, guardei essa história bem dentro de mim. Na altura, era pequenina. Aquela história fez-me andar de cabeça erguida durante muito tempo, até eu completar oito anos e a ter contado a Lisa, a minha melhor amiga, que partiu o coco a rir.

Um par de meses depois, passada a indignação, entrei na cozinha, uma tarde, pus as mãos nas ancas e exigi a verdade. Ela nem hesitou: apertou a embalagem de *Fairy* e disse-me que ele era um estudante de Medicina da Arábia Saudita. Conhecera-o porque estava a estudar Enfermagem — e incluiu muitos pormenores agradáveis: os longos turnos e os risos cansados e os dois a salvarem um miúdo que fora atropelado. Quando ela descobriu que estava grávida, ele já tinha voltado para a Arábia Saudita sem lhe deixar um endereço. Ela largou a enfermagem e teve-me.

Esta versão aguentou-se bastante tempo. Agradava-me; até comecei a fazer planos secretos para ser a primeira pessoa da minha escola a ir para Medicina, já que me estava na massa do sangue e tudo. Durou até aos doze anos, quando fui suspensa por qualquer coisa; ouvi um raspanete da minha mãe, que não queria que eu acabasse como ela,

sem ter terminado o secundário e sem esperança de conseguir outra coisa melhor do que trabalhos de limpezas a receber o salário mínimo. Eu já tinha ouvido aquilo antes umas mil vezes, mas naquele dia ocorreu-me que é preciso um certificado de habilitações a comprovar o fim do ensino secundário para estudar Enfermagem.

No meu décimo terceiro aniversário, sentei-me em frente a ela, com o bolo de permeio, e disse-lhe que daquela vez não estava a brincar, queria saber. Suspirou, disse que eu já era suficientemente crescida para saber a verdade e contou-me que ele era um guitarrista brasileiro com quem andara uns meses, até que, uma noite, lhe dera uma tarefa no apartamento onde vivia. Assim que ele adormeceu, ela roubou-lhe as chaves do carro e foi para casa a alta velocidade, as estradas escuras, molhadas e vazias e o seu olho a latejar ao ritmo dos limpa-para-brisas. Quando ele ligou a chorar e a pedir desculpa, podia tê-lo aceitado de volta — tinha ela vinte anos —, mas já sabia que eu vinha a caminho. Desligou-lhe o telefone na cara.

Foi nesse dia que decidi que ia ser polícia. Não porque me quisesse armar em Catwoman com os criminosos, mas porque a minha mãe não sabe conduzir. Sabia que a academia de polícia ficava algures para sul e era o caminho mais rápido para sair de casa sem aceitar aquele miserável trabalho de limpezas.

A minha certidão de nascimento diz «Pai desconhecido», mas há outras maneiras de obter informação. Velhos amigos, bases de dados de ADN. E poderia ter continuado a insistir com a minha mãe, aumentando a pressão, até obter algo próximo da verdade que pudesse investigar.

Nunca mais lhe perguntei. Aos treze foi porque a odiava pelo tempo todo que eu moldara a minha vida em torno das suas histórias de merda. Quando era mais velha, ao entrar para a academia, foi porque talvez tivesse percebido o seu joguinho e sabia que ela tinha razão.

O caso cai-nos no colo na madrugada gelada de um janeiro tão escuro que nos faz pensar que o Sol não vai voltar a aparecer. Eu e o meu parceiro estamos no fim de mais um turno da noite, daqueles que eu achava que não existiam na Brigada de Homicídios: muito chatos, imensamente estúpidos e rematados por uma avalanche de papelada. Dois idiotas decidiram terminar a noite de sábado a usar a cabeça de outro idiota como tapete de dança, por razões que são desconhecidas de todos, até mesmo deles; conseguimos seis testemunhas, todas pobres de bêbedas, cada uma com uma história diferente, e cada qual querendo por sua vez que esquecêssemos aquele caso de homicídio e investigássemos antes por que motivo um fora expulso do bar, a outro lhe tinham vendido droga de má qualidade e o outro fora abandonado pela namorada. Quando a Testemunha Número 6 me mandou descobrir porque lhe tinham suspenso o subsídio de desemprego, só me apeteceu dizer que era por ele ser demasiado estúpido para ser legalmente um ser humano e correr com todos eles a pontapé para a rua, mas o meu parceiro é mais paciente, e essa é uma das principais razões por que continuo com ele. Conseguimos finalmente obter quatro depoimentos que batem certo uns com os outros e também corroboram as provas, o que quer dizer que agora podemos acusar um dos idiotas de homicídio e o outro de agressão, o que possivelmente significa que salvámos o mundo do mal. Não sei bem como, nem me apetece descobrir.

Entregámos os idiotas para processamento e estamos a escrever os relatórios, para estarem na secretária do chefe todos direitinhos quando ele chegar. À minha frente, Steve está a assobiar, e se fosse outra pessoa eu teria vontade de partir qualquer coisa, mas ele fá-lo bem: uma velha canção tradicional que recordo vagamente cantar em

criança, que ele interpreta num tom grave, com uma expressão de contentamento ausente, interrompendo-se quando precisa de se concentrar e regressando com trinados e floreios fáceis quando o relatório começa a ir bem de novo.

Ele, o murmúrio sussurrante dos computadores e o vento de inverno a assobiar nas janelas: apenas isso, e silêncio. A Brigada de Homicídios está instalada nos terrenos do Castelo de Dublin, mesmo no coração da cidade, mas o edifício fica um pouco distante das coisas bonitas que os turistas vêm ver, e as paredes são grossas; até o trânsito matinal intenso em Dame Street nos chega apenas como um suave zumbido. As pilhas de papelada, fotografias e notas rabiscadas deixadas nas secretárias parecem estar a acumular energia, a trepidar com o desejo de ação. Do lado de fora das janelas altas, a noite dilui-se num cinzento gelado; a sala cheira a café e a radiadores quentes. Àquela hora, se eu conseguisse ignorar tudo o que me chateia no turno da noite, seria capaz de adorar a nossa sala.

Eu e Steve sabemos todas as razões oficiais pelas quais fazemos tantos turnos da noite. Somos ambos solteiros, não temos mulher, marido ou filhos à espera em casa; somos os mais jovens da brigada, conseguimos aguentar o cansaço melhor do que os tipos à beira da reforma; somos os novatos — até eu, que já cá estou há dois anos. Portanto, aguentem-se! E nós lá aguentamos. Não somos polícias de giro; para eles, se o chefe for um estupor, podem meter um pedido de transferência. Não há outra brigada de homicídios para onde pudéssemos ser transferidos; esta é a única. Se queremos cá estar, e ambos queremos, aceitamos aquilo que nos dão.

Algumas pessoas trabalham realmente na brigada de homicídios que imaginei há vários anos: passar o dia em jogos mentais com génios psicopatas, sabendo que um pestanejar errado pode significar a diferença entre a vitória e outro cadáver no futuro. Eu e Steve só conseguimos ver os psicopatas astutos quando os nossos colegas os fazem passar pela sala de interrogatórios onde estamos a disputar a palma de ouro com mais um Marido do Ano na nossa interminável saga de casos de violência doméstica, que o chefe nos manda investigar porque sabe que eles me irritam. O caso dos idiotas que decidiram dançar em cima da cabeça do outro fulano pelo menos era diferente.

Steve envia um documento para impressão, e a impressora no canto começa o seu ronco mecânico.

— Já acabaste? — pergunta.

— Quase. — Estou a rever o relatório à cata de erros ortográficos para que o chefe não tenha uma desculpa para me dar na cabeça.

Ele cruza os dedos sobre a cabeça e espreguiça-se para trás, fazendo ranger a cadeira.

— Vai uma cerveja? Os *pubs* devem estar a abrir.

— Só podes estar a brincar.

— Para comemorar.

Steve, que Deus me ajude, é muito mais otimista do que eu. Lanço-lhe um olhar para pôr de imediato fim ao assunto.

— Comemorar o quê?

Ele sorri. Steve tem trinta e três anos, mais um do que eu, mas parece mais jovem: talvez seja a sua fraca constituição de rapazola, pernas compridas e ombros magros; talvez seja o cabelo alaranjado que se espeta nos sítios errados; ou talvez seja a maldita alegria imparável.

— Apanhámo-los, se é que não reparaste.

— A tua avó conseguia apanhar aqueles dois.

— Provavelmente. E teria ido beber uma cerveja a seguir.

— Ela era alcoólica?

— Completamente. Estou apenas a tentar ser como ela. — Vai até à impressora e começa a organizar as folhas. — Anda.

— Não. Fica para outra vez. — Não me apetece. Quero ir para casa, correr, meter qualquer coisa no micro-ondas e fritar o cérebro com telelixo, e a seguir dormir um pouco antes de recomeçar tudo.

A porta abre-se e O'Kelly, o nosso superintendente, espreita cá para dentro, cedo como de costume para ver se apanha alguém a dormir. Chega todo rosado e luzidio, a cheirar a duche e a *bacon* frito, cada cabelo no lugar — não consigo provar que é para provocar os desgraçados exaustos que tresandam ao turno da noite e a bolachas sortidas, mas não me admiraria. Esta manhã, pelo menos, parece em baixo de forma — olheiras, nódoa de chá na camisa — e essa deve ser a minha única satisfação do dia.

— Moran. Conway — diz ele, olhando-nos com desconfiança. — Alguma coisa de jeito?

— Luta de rua — respondo. — Uma vítima.

Esqueçam o mal que isto faz à nossa vida social: a verdadeira razão pela qual toda a gente detesta o turno da noite é porque nunca entra nada de jeito. Os homicídios de pessoas famosas com histórias

de fundo complexas e motivos fascinantes podem acontecer à noite, às vezes, mas só são descobertos de manhã. Os únicos homicídios que são notados à noite são os de idiotas bêbedos cujo motivo é estarem bêbedos e serem idiotas.

— Já temos os relatórios quase prontos — acrescento.

— Pelo menos, manteve-vos ocupados. Está solucionado?

— Mais ou menos. Esta noite tratamos das pontas soltas.

— Ótimo — diz O'Kelly. — Então estão livres para tratar disto.  
— E levanta um relatório.

Apenas por um segundo, como uma tola, sinto alguma esperança. Se um caso chega através do chefe, em vez do canal administrativo normal, é porque é especial. Uma investigação de alta visibilidade, ou tão complicada, ou tão delicada que não pode ir para o primeiro que aparecer; precisa das pessoas certas. Um caso vindo do chefe faz vibrar a sala da brigada, faz os rapazes prestarem atenção. Um caso vindo do chefe significa que eu e Steve conseguimos finalmente deixar o grupinho dos fracassados no recreio: já pertencemos.

Tenho de fechar o punho para impedir a minha mão de se esticar para aquela folha.

— O que é isso?

O'Kelly resfolega.

— Podes tirar esse ar de esfomeada, Conway. Apanhei-o à entrada, trouxe para cima para poupar trabalho à Bernadette. Os agentes no local dizem que parece ser um simples caso de violência doméstica.  
— Lança a folha para a minha mesa. — Respondi-lhes que vocês é que iriam dizer o que é que parece. Nunca se sabe, talvez tenham sorte: pode ser um assassino em série.

Para poupar trabalho à administrativa uma ova. O'Kelly trouxe aquela folha para gozar com a minha expressão. Deixo-a onde está.

— O turno do dia começa a qualquer momento.

— E vocês estão aqui agora. Se tens algum encontro escaldante, é melhor despachares-te a resolver isto.

— Estamos a escrever os relatórios.

— Bolas, Conway, não precisas de escrever como o James Joyce! Dá-me o que tens. É melhor irem andando; aquilo fica em Stoneybatter, e recomeçaram os trabalhos no cais.

Após um segundo, mando imprimir. Steve, o graxista, já está a enrolar o cachecol no pescoço.

O chefe aproximou-se do quadro de serviço e pôs-se a contemplá-lo.

— Vão precisar de ajuda neste — diz.

Consigo sentir Steve a querer que eu mantenha a calma.

— Somos capazes de lidar sozinhos com um simples caso de violência doméstica — digo. — Já investigámos bastantes.

— E alguém com um pouco de experiência pode ensinar-vos a investigá-los bem. Quanto tempo levaste a ilibar aquela jovem romana? Cinco semanas? Com duas testemunhas que viram o companheiro apunhalá-la, e a imprensa e as associações antixenofobia a chamar-nos racistas e a dizer que, se a vítima fosse irlandesa, já teríamos prendido alguém...

— As testemunhas não falavam connosco.

O olhar de Steve diz: «Cala a boca, Antoinette», demasiado tarde. Mordi o isco, tal como O'Kelly previra.

— Exatamente. E se as testemunhas não falarem convosco hoje, quero alguém com experiência a fazê-las falar. — O'Kelly bate no quadro. — O Breslin está a chegar. Levem-no. Ele é bom com testemunhas.

— O Breslin é um homem ocupado — declaro. — Parece-me que tem coisas melhores para fazer com o seu valioso tempo do que segurar-nos na mão.

— É verdade, tem, mas vai convosco. Portanto é melhor não desperdiçares o seu valioso tempo.

Steve está a assentir, e a pensar para mim aos berros: «Cala a matraca, podia ser muito pior.» E podia. Reprimo o argumento seguinte.

— Ligo-lhe no caminho — digo, pegando na folha e enfiando-a no bolso do casaco. — Ele pode ir lá ter connosco.

— Não te esqueças de o fazer. A Bernadette está a contactar os técnicos e o médico-legista e vou pedir-lhe que vos arranje uns ajudantes, uns faz-tudo; não vão precisar deste mundo e do outro para isto. — O'Kelly dirige-se para a porta, tirando as folhas da impressora pelo caminho. — E se não quiserem que o Breslin goze convosco, aconselho-vos a beber um café. Estão com péssima cara.

Nas redondezas do Castelo, os candeeiros ainda estão acesos, mas a cidade transforma-se ligeiramente em algo parecido com uma manhã. Não chove, o que é bom: algures do outro lado do rio pode haver

pegadas à nossa espera, ou beatas com ADN — mas está um frio glacial e húmido, uma neblina fina que produz auréolas nos candeeiros, o tipo de humidade que se entranha e se instala até sentirmos que os nossos ossos estão mais frios do que o ar em volta. Os primeiros cafés preparam-se para abrir; o ar cheira a salsichas fritas e aos escapes dos autocarros.

— Precisas de parar para tomar um café? — pergunto a Steve.

Ele está a ajeitar o cachecol.

— Credo, não. Quanto mais depressa lá chegarmos...

Não termina a frase, não é preciso. Quanto mais depressa chegarmos ao local, mais tempo teremos antes de o menino-bonito do professor aparecer para mostrar aqui aos coitadinhos como é que se faz. Nem sequer sei porque me importo, nesta altura do campeonato, mas consola-me saber que Steve também se importa. Temos os dois pernas compridas, caminhamos depressa, e concentramo-nos em andar.

Dirigimo-nos ao parque dos carros da brigada. Seria mais rápido ir buscar o meu carro ou o de Steve, mas nunca se deve fazer isso. Alguns bairros não gostam de polícias, e quem atirar uma garrafa ao meu *Audi TT* perde um membro. E há casos — nunca se sabe quais com antecedência, pelo menos não com absoluta certeza — onde chegar no nosso carro significa dar a um gangue de bandidos lunáticos a morada da nossa casa. Quando damos por ela, o nosso gato foi amarrado a um tijolo, incendiado e atirado pela janela.

Costumo conduzir. Sou melhor condutora do que Steve e pior passageira; comigo ao volante chegamos ao local mais bem-humorados. Escolho as chaves de um *Opel Kadett* branco. Stoneybatter fica na parte antiga de Dublin, classe trabalhadora e beneficiários do rendimento mínimo, à mistura com uma mão-cheia de *yuppies* e artistas que compraram lá casa durante o *boom* porque era tão maravilhosamente autêntico — ou seja, porque não tinham dinheiro para pagar nada melhor. Às vezes queremos um carro que chame a atenção. Não desta vez.

— Ah, merda — digo, saindo do parque e ligando o aquecimento do carro. — Não posso telefonar ao Breslin agora. Estou a conduzir.

Steve sorri.

— Que maçada! E eu tenho de ler o relatório. Não quero chegar ao local sem saber nada.

Acelero perante um semáforo amarelo, tiro a folha do bolso e passo-lha.



— Força. Vamos lá ouvir as boas notícias.

Ele olha para o papel.

— O telefonema para a esquadra de Stoneybatter foi feito às cinco e seis minutos da manhã. Era um homem, não deixou o nome. Número desconhecido. — Ou seja, um amador, se acha que isso lhe servirá de alguma coisa. Teremos esse número daqui a algumas horas. — Disse que havia uma mulher ferida no número vinte e seis de Viking Gardens. O agente perguntou que tipo de ferimentos; o homem disse que ela tinha caído e batido com a cabeça. O agente perguntou se ela respirava; ele disse que não sabia, mas que estava com má cara. O agente começou a explicar-lhe como verificar os sinais vitais, mas ele interrompeu: «Mandem uma ambulância para lá depressa», e desligou.

— Estou ansiosa por conhecê-lo — comento. — Aposto que desapareceu antes de alguém chegar, certo?

— Oh, sim. Quando a ambulância lá chegou, a porta estava trancada, ninguém abria. Os agentes chegaram e arrombaram-na, encontraram uma mulher na sala de estar. Ferimentos na cabeça. Os paramédicos confirmaram que estava morta. Não havia mais ninguém em casa, nenhum sinal de entrada forçada nem de furto.

— Se o tipo queria uma ambulância, porque ligou para a esquadra de Stoneybatter? Porque não para o cento e doze?

— Talvez tenha pensado que o cento e doze seria capaz de descobrir o seu número de telefone, mas que uma esquadra não teria esse tipo de tecnologia.

— Então é um idiota — comento. — Bestial!

O’Kelly estava certo sobre as obras no cais: o Departamento que Escava Merdas ao Acaso está a atacar uma faixa de rodagem com um martelo pneumático, e a outra está tão entupida que só me apetece ter à mão uma pistola pulverizadora.

— Vamos ligar o «pirilampo».

Steve tira a luz de debaixo do banco, inclina-se para fora da janela e fixa-a no tejadilho. Eu ligo a sirene. Não acontece grande coisa. Algumas pessoas desviam-se simpaticamente uns centímetros para o lado, que é tudo o que conseguem fazer.

— Santo Deus — digo. Não estou com disposição para isto. — Então, porque é que os agentes pensam que é um caso de violência doméstica? Vive lá mais alguém? Marido, companheiro?

Steve olha novamente para o papel.

— Não diz. — Olha para mim de soslaio, esperançado: — Talvez tenham percebido mal... Afinal, isto ainda pode ser alguma coisa de jeito.

— Não, não é nada. É outro maldito caso de violência doméstica, ou então nem sequer é um homicídio, ela morreu de uma maldita queda, exatamente como o homem disse, porque se houvesse uma possibilidade ínfima de isto ser uma coisa meio decente, o O'Kelly teria esperado que o turno da manhã entrasse e entregava o papel ao Breslin e ao McCann ou a algum outro par de estupores... Porra! — Bato com o punho na buzina. — Tenho de sair e prender alguém? — Um idiota à frente do engarrafamento percebe finalmente que está num carro e começa a avançar; os outros saem da minha frente e acelero, rumo à ponte e ao outro lado do Liffey, ao norte da cidade.

O repentino quase silêncio, longe do cais e das obras, parece enorme. As longas filas de edifícios altos de tijolo vermelho e sinais luminosos das lojas diminuem e dividem-se em aglomerados de casas, dando espaço à luz para se alargar no céu, tingindo a camada inferior de nuvens de cinzento e amarelo-pálido. Desligo a sirene; Steve põe o braço fora da janela e recolhe a luz. Mantém-na nas mãos: raspa uma mancha de sujidade do vidro, inclina-a para se certificar de que está limpo. Não retoma a leitura.

Eu e Steve conhecemo-nos há oito meses, somos parceiros há quatro. Cruzámo-nos a trabalhar noutra caso, quando ele estava nos Casos Arquivados. De início não gostei dele — toda a gente gostava, e não confio em pessoas de quem toda a gente gosta, além de que sorria demasiado —, mas isso mudou rapidamente. Quando conseguimos solucionar o caso, eu gostava dele o suficiente para usar os meus cinco minutos nas boas graças de O'Kelly a elogiá-lo. Foi na altura certa — não teria pedido um parceiro de livre vontade, gostava de trabalhar sozinha, mas O'Kelly andava a chatear-me cada vez mais e a dizer que os novatos sem experiência não trabalhavam sozinhos na sua equipa — e não me arrependo, embora Steve seja demasiado alegre para o meu gosto. Gosto de o ver sentado à minha frente quando levanto os olhos da secretária na sala da brigada, ombro a ombro comigo nos locais dos crimes, ao meu lado na mesa de interrogatórios. A nossa taxa de sucesso é elevada, diga O'Kelly o que disser, e muitas vezes comemoramos com uma cerveja. Steve é um amigo, ou algo parecido. Mas ainda estamos a conhecer-nos; não há garantias.